

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Leticia Madeira Sousa Fernandes

Entrevistado: Moisés Francisco dos Santos (Fow)

São Paulo, 15 de junho de 2022

Duração: 52 minutos e 15 segundos

Realizada presencialmente

Sobrevivendo pelo pixo: uma entrevista com Moisés “Fow”¹

Leticia: Hoje é dia 15 de junho de 2022, estamos no Projeto Fow, em Itaquera, dando início à entrevista com Moisés Francisco, o “Fow”, para o projeto Acervo de Múltiplas Vozes, sob coordenação da professora Sumaya Mattar, da ECA/USP. Fow, você aceita que a entrevista seja gravada e que o material seja utilizado para publicações com finalidades didáticas?

Fow: Sim, eu aceito.

Leticia: Obrigada. Então, você pode começar se apresentando, falando um pouco da sua trajetória na pichação... quem é o Moisés Fow?

Fow: Eu sou o Moisés, Fow, venho com esse nome Fow desde 88, isso tudo começou lá na zona norte através de uns pichadores que eu tinha visto e desde lá eu sempre tive essa curiosidade de ver o que esses meninos estavam fazendo.

Leticia: Quantos anos você tinha?

Fow: Eu tinha de 14 pra 15 anos, isso foi num colégio que eu estudava, particular, e desde lá meu primo já andava com esses moleque, porque isso lá na zona norte eles tinham uma danceteria, e nisso a danceteria todo mundo dançava, tal, tal, então tinham uns grupos dentro dessa danceteria e nisso eu comecei a ver, tive curiosidade, falei “poxa esses moleque dança, mas estão todos uniformizados, com o nome de 'turma'”, foi aí que começou tudo, tudo começou através de uma turma de nome de camiseta, todo mundo dançando, indo pra danceteria lá em Santana e tal, entendeu? E nisso me chamou muita atenção, porque um dos meus primos dançava com essas pessoas e eu também queria dançar e fazer parte, como eu era muito pequeno, então, tipo assim, eu era sempre o pirralho da turma, entendeu? E nisso cada um tinha um apelido, tinha um apelido, tinha um nome, aí nisso eles me chamaram, de início, que eu era pirralho e começou a me chamar de Fow, “e aí Fow, Fow...”

¹ A transcrição foi feita mantendo a fala original do entrevistado, sem fazer correções gramaticais.

Leticia: Por quê?

Fow: Porque é meu nome ao contrário, porque é Moisés Francisco, então se você colocar o W de ponta cabeça vira um M, aí fica Moi Francisco, entendeu? Aí desde lá eu comecei a adquirir esse nome e já tinha uns meninos já também que já começava a pichar, posso dizer pichar, porque já tava fazendo escrita de rua, certo? Então isso pode-se dizer desde o início.

Leticia: Isso era que ano mais ou menos?

Fow: Isso já começou desde 88, 89, entendeu? Foi nessa época, de 88 a 89. E aí já tinha esse grupo que era chamado Fow, que era uma letra sombreada e nisso já também tinha dois moleque já que fazia parte, que era o Neném e o outro moleque se chamava Márcio, tendeu? E nisso eu fui, como eu queria dançar tal, queria fazer parte...

Leticia: Que tipo de dança?

Fow: Street, dança de rua, tendeu? Dança de rua, break, naquele tempo. Aí foi quando surgiu isso, aí desde lá todo mundo falou “não, esse é o Fow, Moisés Fow,” e nisso veio de lá pegou esse nome, então desde 88 a 89. Aí em 89 eu já comecei já também ter essa curiosidade, porque todos lugares que eu via sempre tinha uma letra com esse nome, aí foi aí que eu cheguei e perguntei “pô, nós estamos andando na cidade, tal, indo lá pra Santana e eu tô começando a ver essas marcações, isso que eu falei “não, se eu sou da turma e vocês não me fala nada, então vou começar a fazer também”, entendeu? Foi daí que surgiu, aí surgiu Moisés Fow, aí eu tô até hoje assim fazendo, sabe, aí comecei a pichar através disso, posso falar que é pichar, então pode-se dizer também que eu sou um dos cara daqui de São Paulo, um dos pioneiros a fazer letra sombreada, porque na época os únicos que fazia só era eu, o RZO, o EAN...

Leticia: Da norte também?

Fow: Da zona norte, onde tudo começou, era os únicos que fazia, tendeu? E nisso eu vim fazendo esses mesmos letreiro, aí comecei a fazer, aí eu fui e entrei no grupo, aí de lá nós começamos ir pras outras danceterias, tinha os campeonato e todo mundo já tava uniformizado, e eu já fazia parte do grupo do Fow, entendeu?

Leticia: Então foi algo que você viu ali, você acabou assumindo e hoje em dia tem mais alguém que ficou?

Fow: Não, então, hoje em dia só sobrou eu mesmo, só é eu, entendeu, desde esse tempo só eu faço, sabe, e nisso que que acontece, aí eu fui desenvolvendo, me aprimorando cada vez mais a minha letra, aí nisso como eu tava nas pichações eu comecei a fazer de rolinho, aí depois eu comecei a fazer de pincel, porque spray nesse tempo era muito difícil você comprar, então o

que seria mais fácil o rolinho, porque látex, nem era látex porque látex já era um pouquinho mais caro, então eu utilizava mesmo era o cal, porque com o cal a gente colocava, tipo, falava que era o tal do fixador, seria óleo e sal, fazia aquela mistura na tinta sabe, parecia aquela massa corrida pra pichar, e nisso eu comecei fazer, sabe, esse foi o início de tudo, de onde eu comecei.

Leticia: E a letra sombreada, cara? Você viu isso na rua, mas você se inspirou em outros lugares pra fazer?

Fow: Então, essa letra sombreada, porque tipo assim, todos que faziam nome era diferenciado tendeu, todos tinham uma letra diferente, aí eu falei “nossa”, eu e outros meninos porque eu já tava no grupo, falei assim “mano essa letra é diferenciada né, só nós que faz esse sombreado, não tem ninguém que faz” e daí pra cá foi isso mesmo, e as outras letras que tinha, por exemplo, cê vê, eu fazia rolê com esses moleque que era XPTO, IMPACTOS, SABOTAGE, PRISÃO, essas pessoas morava tudo lá no mesmo bairro.

Leticia: Entendi, e continuaram?

Fow: Então, eles não chegaram a dar continuidade, entendeu? Mas foi tipo assim, umas pessoas que eu tive muita referência, que foi o início também.

Leticia: Mas daquela época lá só vocês?

Fow: Era só nós que fazia isso

Leticia: E aí só você que está até hoje?

Fow: Só eu que estou até hoje, permaneci fazendo até hoje passando por várias modalidades sobre a pichação, porque tem a... no início que era você, quem tinha o pico maior seria o que, seria os bancos, e pra você chegar até a pichar um banco você teria que subir pelo para raio, tendeu? Essas seriam as nossas dificuldades, e depois começou vindo com o beiral, beiral seria o que, uma fachada de uma casa, isso assim pra nós eram as modalidades, aí até chegar que seria o último, que seria os prédio. Eu mesmo tipo assim, eu falo, eu consegui fazer, na minha vida o que, pichei dois prédio, desses dois prédio que eu fiz, eu fiz o foro João Mendes, sabe, e consegui fazer o prédio Ayrton Senna, ali em Santana que seria tipo assim um dos prédios top no tempo, um dos prédios top, mais difícil, e nisso começou as disputas de prédios, que seria as outras pessoas fazendo, como o Chuí, o Crelos, e veio outras pessoas.

Leticia: Isso já na década de 90?

Fow: Isso, já 90, já tava já no auge mesmo.

Leticia: Então, grupos, a questão dos grupos, porque você tinha o seu nome, mas pra fazer esse rolê dos prédios precisava de uma galera, né? Como que funcionava?

Fow: Então, não diretamente uma galera, era aquele ditado, né? Quando você tinha rolê na rua, eu me aproximava de você, porque seria o tal do Ibope, tendeu? Seria o tal do Ibope, quando você faz muitos na rua então você se torna, tipo assim, as pessoas falam "não, esse tem Ibope", então eu queria saber quem era você, pra mim conhecer, pra mim tentar fazer um rolê com você, foi daí que começou.

Leticia: Entendi. E quem era esse pessoal que você colava?

Fow: Aí depois surgiu o tal dos points...

Leticia: Isso quando mais ou menos?

Fow: Então, era tudo 90, de 90 foi quando surgiu os points, aí já vinha já seria o que, termos de, pode-se dizer, os grupos, aí já tinha as primeiras formação, tipo Os Melhores, Os Tais, aí vêm Os Mais Imundos, Os piores, Os Mais ou Menos, Os Mais Que Todos, Os Mais Fortes, entendeu? Os Mais Imundos, Os Mais Antigos...

Leticia: E você lembra, assim, quando você percebeu que tava começando a rolar esses points, como você percebeu essa mudança, assim?

Fow: Então, nós começamos a perceber, porque a gente, querendo ou não, nos anos 90 começou uma transição, entendeu, porque era tempo de todo mundo se descobrir, todo mundo jovem, entendeu, ou você era roqueiro, ou você era pichador, ou você era punk, então daí que surgiu os movimentos, as grifes, que hoje em dia se tornou grifes gigantes, entendeu, e eu faço parte de duas grifes, eu sou um dos iniciantes, sabe, de duas grifes, que seriam Os Mais Imundos e Os Mais Antigos de São Paulo, fundei junto com o PSP OSSO, que é Os Mais Antigos, e Os Mais Imundos eu fundei junto com o Moisés, Marcelo, tendeu, que o nome dele é Formigão, na pichação ele se chama Corvos, nós fundamos Os Mais Imundos.

Leticia: Sobre esse momento, então, da formação das grifes, Fow, como foi? O que rolava nos rolês?

Fow: O que rolava nos rolês, como eu já tinha nome na rua, aí como tinha essas outras grifes, então os pessoal das outras grifes, como Os Mais ou Menos, lá que é da zona sul, que era o Fome, Pegadas...

Leticia: Aí já começou a expandir, no caso...

Fow: Sim, já começou a expandir, aí com isso os moleque viram que eu tinha rolê, aí eles me chamaram pra mim fazer uma temporada lá na zona sul, aí nisso eu cheguei lá, tinha uma casa lá que era abandonada, os moleque invadiram essa casa, tendeu, e tipo assim, cada semana levava uma pessoa que tinha rolê, aí eu fui uma das pessoas que tive o prazer de ficar lá com eles, ficava eu, Piromania, Animals, Smeg, esses são os nomes das pessoas que ficava lá. Então nisso nós começou a pichar, fazer rolê lá na zona sul, porque tipo assim, como eles era de lá, tinha essa casa, então era meio que um abrigo, mas aí nós começamos a fazer, eu comecei fazer rolê lá na zona sul, aí até entanto todo mundo pensava que eu era da zona sul, porque de tanto que eu comecei a fazer lá. Era tipo um intercâmbio, sabe, vamos supor: como você mora na zona norte, então você tem a sua casa, você traz a pessoa de lá da zona sul, vem pra cá e você faz aquele rolê aqui na zona norte, eu te apresento a zona norte.

Leticia: Isso acontecia muito, assim?

Fow: Então, foi pelo menos comigo o que aconteceu, entendeu? E nisso foi tipo igual eu falei pra você, foi meio intercâmbio, posso dizer que era meio intercâmbio, e nisso foi que eu conheci mais pichador, cada vez mais eu fui conhecendo mais pichador e se tornando meu nome cada vez mais crescendo, porque eu não tinha só uma zona, daí que começou o conhecimento das pessoas, sabe, o conhecimento, aí cê pega amizade que eu tenho até hoje com as pessoas sabe.

Leticia: E a relação com a família?

Fow: Então, a relação com a minha família foi, pelo menos comigo, graças a Deus eu sempre fui do bem, assim, né, porque eu sempre estudei em escola particular, tal, e graças a Deus nunca precisei de roubar, essas coisas assim, sempre estudei, tendeu? Mas, só que pra minha mãe e pra minha família eu era tipo assim, pode-se dizer que um meio perdido.

Leticia: Porque sua mãe é evangélica, né?

Fow: Sim, minha mãe é evangélica, eu sou nascido e criado dentro da igreja, tendeu, minha família toda, mas só que a única coisa que eu tinha, meu lado errado era esse, porque eu não usava droga, não bebia, então a única coisa que eu conseguia falar que eu gostava era a pichação, era o meio que eu tinha, e dançar, por isso que surgiu várias casas noturnas, porque todas as casas noturnas, eu gostava de ir em todas, desde o Abrigo Nuclear, Arena, Sound Factor, Overnight...

Leticia: Isso onde?

Fow: Isso seria várias regiões, tipo na zona leste, aqui na zona norte, entendeu? Então por isso que surgiu as casas noturnas, e nessas casas noturnas colava muito pichador, vamos supor: se tivesse lá na zona norte, era o Clube Santana, então tinha bastante gente que era da

zona norte colava lá, nas danceteria, então quem era de fora das outras região ia tudo pra lá e chegava lá todo mundo se conhecia, porque era só pichador que colava nas danceteria, você já unia o útil ao agradável, porque você já gostava de dançar, já ia pra balada e chegava lá encontrava com os meninos, as meninas, entendeu? E de meninas, eram sempre poucas, eram muito poucas as meninas, até entanto as meninas que eu conhecia assim nesse tempo de danceteria era a Lu Exótica, a Guerra, a Banzai, que é a Só Mina, entendeu?

Leticia: Por que você acha que era assim?

Fow: Porque até hoje gera muito preconceito, e pra mulher nesse tempo era muito difícil das meninas sair diretamente de casa, entendeu? Seria uma coisa assim muito agressiva no tempo, pra uma menina de 15, 16 anos sair da sua casa, virar a noite numa danceteria, numa boate, entendeu? Então isso era muito pouco, até entanto as meninas ia com nós porque você conhecia elas, ela falava “não, eu vou com você porque eu sei que você me respeita”, gera aquele respeito, entendeu, por isso que acontecia, ou então já virava namorado, então já levava ela, era assim que acontecia.

Leticia: E nessa formação das grifes, Fow, como você conseguiu essa posição, porque você tá até hoje né, e não é uma coisa que acontece de uma hora pra outra, é um processo...

Fow: É um processo que, olha, você vem lutando, sabe? Porque quando eu montei mais o Moisés e o Formigão eu nunca pensei que ia expandir tanto assim, porque hoje em termos de grife, Os Mais Imundos, posso dizer, eu acho, seria uma das maiores grifes, sabe, daqui de São Paulo, e não tá só aqui em São Paulo, hoje tá pra fora, tem em Portugal, Lisboa, Amsterdã, tem no Japão, e tudo com o logo OS IM. Pra quem não sabe, até o logo mesmo fui eu quem montei junto com o Moisés, porque o nosso nome é Moisés, então nós viu as siglas, tendeu? Foi o que nós fizemos.

Leticia: E em relação a essas disputas, né...

Fow: Então, hoje o que eu vejo, muita disputa, não digo disputa, mas hoje seria o que, como tem bastante internet é muita fama, tendeu? Um pichador hoje tá sendo patrocinado por várias marcas, hoje se torna até um pouco mais fácil. Mas só que hoje o que eu vejo, hoje os pichadores tão sofrendo bem mais, porque querendo ou não hoje tá tendo muita morte de pichadores, de caída de prédio, caída de beiral, caída de fachada, são coisas que tudo bem, até morreria mas só que não tinha nesse tempo, de 90, o mínimo que aconteceria era o que, alguns “pé de pato”, algumas pessoas pegar e bater, apanhava pra caramba...

Leticia: Tem história assim, Fow? Já apanhou?

Fow: Muita, já, já apanhei demais, os cara tipo assim, até entanto nós tava num beiral, que seria um beiral numa fábrica, nós tava subindo lá, fizemos e os cara começou a dar tiro em nós, aí tive que sair pulando, correndo, sabe...

Leticia: Policial?

Fow: Os policial mesmo, nossa, quantas vezes eles não me bateram, bateram, assim, horrores, tendeu? Me pintaram todo, jogaram látex em mim, sabe, uma coisa bem agressiva mesmo. E hoje já não tem mais isso, porque hoje se você for ver, é o que eu falei pra você, tem muitos pichadores aí pelas modalidades que falam que é da pichação, tem escalada, mas são coisas que já tinha e a gente não via isso. Hoje falam que são as modalidades, eu sou de 90 então pra mim era coisa que eu já fazia, pra você escalar um banco mesmo, pra você subir num banco você tinha que subir pelo cabo de aço, isso seria uma modalidade muito foda. E hoje não, hoje o que eu vejo, agora com os pichadores novos, a escalada seria a janela, sobe nos prédios por fora também, coisa que a gente já fazia.

Leticia: Tem rapel também né?

Fow: Então, e hoje a modalidade mais atual agora e que eu já fiz também, que isso aí seria o topo pra mim tendeu, por isso que eu já tô até meio sossegado, mas eu fiz, consegui fazer dois prédios de rapel, fiz até com um, posso dizer que era um dos rivais de grife, que é o Rogério Mortos, e hoje é um moleque mó firmeza comigo, nós troca mó idéia, eu vou na casa dele, ele vem na minha casa, independente do que aconteceu no passado, hoje eu me tornei amigo dele, porque devido a guerra que tinha sobre a rivalidade entre os RGS e Os Mais Imundos.

Leticia: E como tá a situação da disputa hoje, alguma intriga continua mesmo após o fim da guerra ter sido decretado?

Fow: Pra mim não continua, né, porque até entanto foi entrando outras pessoas n'Os Mais Imundos, o Jeh mesmo é um dos moleques também firmeza, ele é da segunda geração, que seria, porque a primeira geração seria eu, o Sujo, Toni, Corvos, Vigarista, Gambiarra, CTZ, TTC, e outros a mais. Esses são os primeiros, os primeiros de todos. Aí hoje devido o Jeh ter apartado, finalizado essa guerra, pra mim hoje eu posso dizer que eu não tenho mais essa rivalidade, tendeu? Mas são coisas tipo assim, se tiver eu e o Rogério no rolê, nós dois não coloca grife, ele coloca o pixo dele Mortos, eu coloco o meu FOW, e nenhum coloca grife, isso é um respeito que nós tem entre eu e ele. E fora da pichação nós dois temos amizade, como eu tenho amizade com os outros RGS também, as pessoas vêm, me cumprimenta, sabe? Pra mim hoje, eu não posso dizer que tem essa rivalidade.

Leticia: Como foi, então, essa virada dos anos 90 pra os anos 2000 pra você, com o fim da rivalidade?

Fow: É, essa virada foi bastante engraçada né, porque 90 nós tava na rivalidade, certo, pra 2000 deu fim na briga, em 2000 agora a gente se respeita, entendeu, e não tem mais briga, sabe, é o que tá acontecendo, pra mim eu achei muito engraçado essa parte, porque hoje cada um faz seu rolê, até faz rolê junto, tendeu, mas é aquilo, todo mundo se respeita hoje, aqui em São Paulo. Em outros lugares aí, quem não tem acesso, quem não sabe da afinidade mesmo, do início de tudo, tão brigando até hoje, agora as pessoas que são aqui da capital, que são o início mesmo de tudo, sabem que hoje não tem porque ter briga. E isso eu vejo como uma evolução, as pessoas cresceram e vê que não tem que sair brigando, se martirizando por causa de uma coisa que aconteceu lá atrás e já passou um bom tempo, eu não vou ficar me matando por uma coisa que aconteceu lá atrás.

Leticia: E foi algo que começou por diversão, né...

Fow: Sim, algo que começou por diversão, até entanto os meninos andava junto, tudo...

Leticia: Você sentiu que teve uma mudança de clima, assim, quando começou essa rivalidade? Pelo que você falava no início era tudo muita zoeira...

Fow: Muito agressivo, era muito agressivo...

Leticia: Mas muita zoeira também, né?

Fow: Sim, sim.

Leticia: E tipo, do nada começa essa disputa e vira briga...

Fow: Virou uma briga, virou gangue, né? Mas hoje as pessoas cresceram, né, ficaram mais maduras, viu que não tem porque, hoje, continuar com isso, uns já são pais de família, outros já formados, porque até então quando você não tem formação, você vai por opiniões, a partir do momento quando você cresce, tem a sua maturidade, você já para e pensa “não, tem coisa que eu não preciso mais”.

Leticia: Até porque a pichação também é vista como algo de adolescente, né? Como você enxerga isso?

Fow: Sim, bem adolescente, o que o povo fala, aquela coisa do “adolescente rebelde”, porque você tá na sua casa, você quer se expressar, você quer brigar, você quer se mostrar, pelo menos o que eu vejo, as pessoas que picham de início é bem isso mesmo, de adolescente até chegar uns 18, 19 anos, passou disso são poucos que continuam, entendeu? Tem a maturidade que eu falei pra você, porque você cresce e fala “poxa vida, tem coisas que eu não preciso fazer, isso eu fiz quando tinha 15, 14 anos”.

Leticia: Mas aí tem gente que continua a pichar, né? Só que com outra visão, você pode falar um pouco sobre isso?

Fow: Então, outra visão, porque hoje, igual eu mesmo, eu tenho família, eu tenho o projeto, a minha intenção hoje já não é mais a mesma de quando eu era adolescente, que eu saia pichando, tava naquela briga, sabe, colando em altos points, você tem que tá no meio, hoje não. Quem sabe a minha história, quem me conhece mesmo de verdade sabe quem eu sou, eu não preciso ficar me expressando hoje, sabe, chegando em tal lugar, não preciso mais disso.

Leticia: E sobre o projeto agora, Fow, como você conseguiu esse espaço, quando foi isso...

Fow: Então, esse projeto surgiu de uma necessidade da pandemia, porque eu tava na minha casa, eu sempre trabalhei ali no Campo de Marte, sou zelador, trabalhei 15 anos lá, então sou zelador, tal, e tipo assim, minha mãe faleceu, aí chegou um tempo eu falei chega, não quero mais trabalhar, não quero fazer mais nada, quero fazer alguma coisa que seja pra mim, aí foi quando tudo começou. Aí conversei com o Moisés, com o Formigão, aí nós montamos uma marca de roupa que eu tenho hoje e tá no meu nome, devido ao Moisés e o Formigão, que nós sentamos junto e falamos “vamos montar, monta é tá no seu nome”, falei “beleza”. A primeira camiseta d'Os Mais Imundos fez eu, o Moisés e o Formigão, e aí nós pegou gosto, começamos a vender, aí sentamos, reunimos nós três e falamos “não, vamos montar uma marca de roupa”, aí falou “vamos”, “e quem vai colocar o nome pra patentear tudo certinho?”, aí entre nós três, como nós três somos fundador, o Moisés e o Formigão falou “ó, Fow, você pode colocar, mano”. Porque aí foi no tempo que eu saí do meu serviço, que eu saí do Campo de Marte e falei “mano, vou fazer isso mesmo, vou fazer essa marca”. Aí fui, patentei, tá patenteada, tá no meu nome e eles tão junto comigo até hoje, entendeu? Aí que começou os projetos da minha vida, porque as camisetas eu comecei correr atrás, comecei a fazer propaganda, comecei colar nas batalha, atrás de patrocínio, campeonato de skate, tendeu? E todo mundo falava “nossa, bacana, Os Mais Imundos tá aí, tal, legal”, isso foi muito bom, isso foi um dos projetos que eu comecei, aí eu vi como eu tinha mais capacidade pra fazer mais projeto, aí comecei fazer nas casas de cultura, entrei com o rap, comecei com a minha roupa, tava chamando as pessoas pra cantar na fábrica de cultura, entendeu, foi o que eu fiz. Aí comecei a divulgar a marca e nisso eu tive o prazer de conhecer o Ferrez, o Ferrez que é um dos caras da Zona Sul, que montou uma marca de roupa lá, 1Dasul, que é uma das primeiras marcas de roupa lá na Zona Sul, aí conversei com ele e tal, ele falou “pô, bacana Fow, Os Mais Imundos é uma marca de rua, sabe, e essa marca tem um potencial grande e tal, vamos fazer uma colab”, aí até entanto foi a primeira pessoa que eu fiz uma colab de marca, porque até entanto como eu só fazia, sempre só fazia Os Mais Imundos, aí ele veio, conversou comigo, me montou todo um workshop, “ó, cê tem que fazer, tem que fazer isso, batalhar, porque o seu nome é da Zona Leste, tendeu, uma das maiores grifes, tal”, falei “bacana, bacana, Ferrez”. Aí foi a primeira colab que eu fiz, 1Dasul, foi com ele. E nisso ele já tinha um projeto lá que ele faz na casa dele de uma creche, que ele toma conta de uma creche, as pessoas vão lá, as mulheres deixa as crianças lá, e nisso ele faz arrecadação, as

peessoas doa, aí eu falei pra ele “meu, como é que funciona isso aí, Ferrez?”, aí ele que me deu a luz, “ó, Fow, essa é uma ONG que eu montei...”, sabe, tá entendendo? Aí eu falei “ah, bacana então”, também foi mais uma das minhas curiosidades. Aí que aconteceu, eu peguei e falei “meu, bacana, acho que vou montar isso aí também”, aí de início entrou a pandemia, foi quando surgiu a pandemia, aí eu tava em casa, que eu já tinha saído do meu serviço, tinha montado a marca de roupa, tava tranquilo, aí um dos pichadores me ligou e falou “pô, Fow, cê tem alguma coisa aí, mano, pra me dar, cara, que eu tô passando situação difícil aqui, tá mó pandemia, e eu não tô trabalhando, não tô conseguindo pagar aluguel, minha casa tá sem nada, será que cê poderia me ajudar com algum alimento, alguma coisa assim?”. Aí eu parei, pensei “poxa, mano, esse moleque tá me pedindo comida? Pô, eu posso fazer muito mais. Pelo conhecimento que eu tenho, as pessoas que eu conheço, vamo verter esse quadro”. Aí foi que surgiu o primeiro projeto meu, outro projeto, que seria a troca de obras de arte por cesta básica, entendeu? Aí foi que eu arrecadei muito quadro, muita obra de arte com bastante artista com nome, entendeu, e foi um trabalho assim muito bom. Aí eu vi mesmo o potencial que eu tenho de arrecadar e ter o conhecimento com as pessoas, e daí surgiu o projeto, aí surgiu o Projeto Fow. E no início eu nem fazia o projeto pra mim, na minha mente, não era projeto social, era só um projeto pra ajudar os pichadores que tavam precisando, entendeu? Aí daí que surgiu, Projeto Fow. Aí fui, comecei já receber cesta básica, já tô trocando obras de arte por cesta básica, comecei entregar nas casas, conheci o Aden, nós fechamos um acordo, que ele também faz também, ele já tinha o projeto, mas só que eu nunca tive, aí foi quando eu peguei, tive a oportunidade de chegar na subprefeitura daqui de São Miguel, e falei pra eles “ó, rapaz, eu tenho um projeto e gostaria de fazer isso”, aí o subprefeito falou “nossa, bacana sua atitude, porque você como pichador, grafiteiro, você fazendo isso, você tá ajudando as outras pessoas, você tá levando comida pra casa deles”, falei “realmente, é o que eu tô fazendo”, aí ele falou assim “ó, eu tenho um espaço lá na Zona Leste, tal, você gostaria de assumir lá?”, aí eu falei assim “ah, eu sempre tive acesso a Zona Leste, mas não esse lugar, São Miguel, vou lá pra ver”. Aí quando eu cheguei no local aqui, eu vi o negócio tava todo destruído, os noia subindo tudo em cima do teto, tava, pode-se dizer, uma miniCracolândia aqui. Falei “meu Deus, como é que eu vou fazer com isso? Porque eu sozinho, como é que eu vou fazer?”. Aí foi quando surgiu o Projeto Fow. Aí eles me cederam esse espaço, tô aqui, aí conversando com um, conversando com outro, falei “meu, tenho que montar uma casa de cultura e correr atrás de entregar cesta básica”. E nisso, eu já logo me cadastrei, montei uma ONG, montei tudo certinho, entendeu? E hoje eu posso dizer, eu faço com certeza, hoje eu faço um trabalho social, hoje eu faço. São coisas que eu comecei fazer que eu não tinha noção, hoje eu já me tornei um projeto social, entendeu? E tô correndo atrás pra mim crescer cada vez mais agora, que é uma área que eu quero e vou levar pra sempre. Comecei como pichador, grafiteiro, e hoje eu levo comida pra dentro da casa das pessoas.

Leticia: E é engraçado, né, porque a pichação é algo que é tão marginalizado e tão julgado, mas foi a partir disso que você conseguiu fazer esse projeto, que recebeu apoio da prefeitura, né? Como você percebe essa relação? Aí eu já pergunto também como você vê essa dicotomia entre pichação e grafite, porque tem gente que acha que são coisas muito

diferentes, mas tem gente que faz graffiti e pichação ao mesmo tempo. Tem diferença, a gente sabe que tem. Mas como você percebe essa diferença, ela muda alguma coisa pra você?

Fow: É, pra mim, diretamente, não. É o que eu falo, eu sou pichador, entendeu? Porque a pichação, querendo ou não, é marginalizada, não é aceita, entendeu? É tipo "um tapa na cara da sociedade" que os outros falam, né? Mas o graffiti as pessoas engolem porque tá dentro de uma galeria, dentro de um museu. E eu falo que a pichação é bem antes de tudo, porque isso já vem das caligrafias. Se não tivesse as caligrafias, hoje não teria pichação também. Você pode simular, você vai ver que é quase a mesma coisa. E hoje a pichação, pra mim, é um dos maiores instrumentos de caligrafia, pode-se dizer que é um patrimônio histórico da caligrafia. E tudo começou nas cavernas, e hoje a gente tá organizado.

Leticia: É algo que parece natural, né? Riscar as paredes é algo natural, como você acabou de falar, é algo que tá desde o início. Então como que você vê a criminalização da pichação?

Fow: Então, eu assimilo com pessoas ignorantes, pessoas que não quer evoluir, porque se você é uma pessoa evoluída, hoje você vê que uma caligrafia de pichação tem todo um significado, tem toda uma história, e pode-se dizer que é uma arte, porque nem todos os pichadores são iguais, cada um tem a sua caligrafia e é totalmente diferenciado de tudo, não vê pichadores com o mesmo significado, com o mesmo nome.

Leticia: E o pixo de São Paulo também é muito específico, o pixo reto, né? Você pode falar um pouco sobre isso? Como que era antigamente, vocês faziam desde o início esse pixo reto assim? Você viu já algum pixo muito diferente que você gostaria de falar também?

Fow: Sim, isso é verdade. Aqui a gente seria o quê, as letras tradicionais, de início. Hoje são letras elaboradas, e as diferenciadas são tipo Rio, que são as letras que eles falam que são meio emendadas, que a gente não consegue decifrar. Como as nossas, hoje, tem muitos também que não conseguem ver, daqui de São Paulo, mas têm uma noção do que você consegue ler, porque, querendo ou não, as daqui de São Paulo você consegue olhar, você consegue simular mais ou menos o que tá escrito. E as diferenciadas são as coisas do Rio, que eles chamam "tag", porque ali eles fazem umas letras embaraçadas que não tem como se identificar mesmo.

Leticia: E sobre o futuro do projeto, Fow, fala um pouco sobre o que você faz aqui, o que pretende fazer...

Fow: É, então, hoje, cada dia que passa eu tô me estabilizando cada vez mais, e o projeto está crescendo porque através disso eu consegui montar uma galeria de arte e dar oportunidade aos outros pichadores que não tem acesso. Porque pra você, como você é pichador, pra você expor um trabalho seu numa galeria, você tem que ter um nome, porque se você não tiver nome, não tem que ter dinheiro, então têm muitas pessoas que têm um puta trabalho, os caras desenha muito, mas só que não têm oportunidade. Então através desse Projeto Fow eu tô

resgatando isso, pegando pessoas que moram no fundo da periferia de São Paulo, que pinta muito, mas não tem oportunidade e não tem como se expressar, então eu trago pra cá pra minha galeria, pra esse projeto, entendeu, e exponho o trabalho dele e vejo o potencial das pessoas, que ele tem, e acredito muito, é por isso que surgiu esse projeto Fow também, sabe? E dou oportunidade mesmo, porque eu vejo o potencial de muitos moleque que mora no fundo, não tem capacidade de chegar numa Vila Madalena da vida. Porque pra você ser um artista, ser consagrado, você tem que tá numa Vila Madalena. Não, não é isso, você simplesmente tem que pintar, fazer o seu trampo, certo, você não tem o conhecimento, mas só que cê pinta muito mais que uma pessoa que mora lá na Vila Madalena.

Leticia: Explica um pouco como funcionam esses eventos do projeto, Fow, como surgiram...

Fow: Os eventos do projeto surgiu com os grafiteiros, certo, e nisso eu chamo as pessoas, arrumo uns muros, vou pras comunidade, com o Projeto Fow, dando vida, revitalizando as favelas, sabe, vendo o brilho que as pessoas têm e dando o valor que as pessoas merecem, porque não tem coisa melhor do que quando você entra numa comunidade, as pessoas vêm e te recebem de braços abertos e fala “poxa, mano, cê tá vindo pintar aqui, dentro da favela, cê vai pintar o meu barraco”, sabe? Cê vê que as pessoas são importante, e ninguém vê isso. Esse é o projeto que eu tenho, isso pra mim é uma coisa satisfatória demais, você entrar numa comunidade e as pessoas te receber bem, sabe, te tratar como o artista que você é mesmo, isso não tem preço. E tem mais projetos, sabe, é uma coisa que eu quero e precisa de muita parceria, aqui mesmo no projeto quero montar bastantes oficinas, como graffiti, pintura, teatro, capoeira, sabe, corte e costura, sabe? Dar valor mesmo a essas pessoas que precisa, e são pessoas que têm o potencial, mas não têm oportunidade, porque ninguém vê isso deles, e isso eu quero passar, passar não, eu quero que esteja aqui no meu projeto, sabe, e com isso busco bastante patrocínio e reconhecimento mesmo, a cada dia que passa, eu vou nos lugares as pessoas falam “poxa, bacana, Fow, o seu projeto”, e eu tô vendo que é uma coisa que tá crescendo cada vez mais.

Leticia: Muito importante mesmo valorizar a arte dentro da comunidade...

Fow: Então, hoje, em termos de baile, eu falo que seria os centros culturais dos bairros, hoje. Porque se cada bairro tivesse um centro cultural na sua quebrada, você valoriza bem mais. Antigamente era os baile que você tinha que saber, pra conhecer, pra ir lá do outro lado pra você conhecer outras pessoas. Hoje você com um polo cultural mostrando a arte, que você pode mudar muita gente no seu bairro, isso seria mais importante.

Leticia: Você poderia falar um pouco sobre a sua relação com a arte, Fow? Desde quando você era moleque, fala um pouco sobre como você enxerga a questão da arte e da educação, e como a pichação aparece no meio disso tudo...

Fow: É, em termos da arte, coisa que minha mãe sempre falava pra mim: “Moisés do céu, para com isso, essas pichação não vai levar você a lugar nenhum, não vai levar você a nada,

vai estudar, se formar”, entendeu? E até entanto eu, como era molecção: “ah, mãe, não quero, não quero estudar, tal”, naquele tempo a gente, pode-se dizer, a gente é rebelde, né? E hoje eu vi que não precisou de eu me formar, ser uma pessoa formada, mas só que a vivência que eu tenho hoje, eu aprendi na rua e são coisas que eu adquiri pra mim e estou passando pras outras pessoas, mesmo sem ser formado, mas só que o conhecimento que eu tenho, muitos não têm, que seria em termos da pichação, do início, muitos hoje aí tão no auge, que seja, patrocinado e tal, mas não têm a vivência do início da pichação. Isso eu tive, sabe, não foi fácil, estou hoje aí, hoje eu sou uma das pessoas, tipo assim, as pessoas me conhece, eu consigo entrar hoje dentro de uma galeria, dentro de um museu, dentro de uma fábrica de cultura, e consigo conversar com as pessoas, as que sempre me negaram. Porque, querendo ou não, eu nem gosto de falar muito porque na minha família são todos evangélicos, e eu também fui nascido e criado, e eu era o único da minha família que era tipo, pode-se dizer, o “ovelha negra”, porque todo mundo estudou, todo mundo se formou, e eu sempre querendo pichar, pichar, eu via isso como uma válvula de escape pra mim, mas eu sempre trabalhei, sabe? Comecei como office boy, me tornei emissor nacional, nacional e internacional, e isso pra mim era muito bom, porque o que eu via, os outros pichadores, ninguém quase teve formação, mas só que os moleque, não desmerecendo ninguém, era mais roubava, muito, ali na marginal, roubava lata porque a lata era muito cara, pra você ter uma pichação ou você teria que ser meio boy, ou você teria que roubar pra você ter pichação de spray.

Leticia: E como você se enxergava no meio disso tudo? Como era pra você ver esse tipo de coisa acontecendo, qual era a sua relação com a criminalidade...

Fow: Essa relação pra mim surgiu porque devido a minha educação, que eu tenho, desde os meus princípios, desde igreja, minha família toda era evangélica então eu tinha princípio, então coisas que eu não precisei fazer. Mas foram coisas que eu fui me adaptando, eu cada vez mais estudando, terminei o terceiro, tal, e pra mim o dia que eu peguei a primeira carteira registrada, pra mim foi muito bom, uma coisa que eu achei muito bom e continuei, sabe? E nisso, o que eu fazia, conciliava isso como uma forma de escape pra mim porque quem diria, eu, Moisés, tal, registrado, trabalhando de office boy, tudo certinho, e ao mesmo tempo, sendo uma pessoa marginalizada, uma pessoa que a sociedade me cobrava muito, tipo “como isso, você é pichador?!”, “eu sou”, “mas você trabalha, você se sustenta, você não anda sujo”, que seja, tendeu? As pessoas me encaravam também de outra forma, não diretamente aquele pichador marginalizado, como bandido, sabe, assim. Eu sempre trabalhei, sempre estudei, nunca desmereci ninguém e sempre tive amizade com todos, até entanto as pessoas quando eu falava que era pichador me admirava: “como pode você ser pichador, você fazer isso, você ser um vândalo?!”. Meu tio mesmo que era do DOPE, queria que eu estudasse, fizesse faculdade, como a minha família inteira e eu era muito reprimido em casa sobre isso, porque meu tio era do DOPE e tal e o filho dele era formado, fez faculdade e tudo isso, e eu, o único que não se formou da família fui eu. Mas com tudo isso eu não me arrependo, não me arrependo porque o conhecimento que eu tive e que eu tenho até hoje, bato de frente com qualquer pessoa.

Leticia: É, não precisa de formação pra fazer o que você tá fazendo e ter esse impacto sobre a vida das pessoas. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o projeto, sobre pichação, arte, educação...

Fow: Tem pessoas que eu tenho acesso, como pessoas que você também até conhece, meninas, que pinta muito, que ela pinta muito hoje, mas ela parou, porque devido a essa pandemia ela entrou em depressão, sabe? Não tá pintando, não tá indo pra rua. Eu converso com ela direto “meu, é o único meio que você tem, é o graffiti, é a pichação, sai de casa, vamos pintar”, sabe? E ela fala “nossa, Fow, você é a única pessoa, cara, que eu tenho acesso, converso coisas que eu não converso com a minha própria família, que eu não consigo, e você me traz essa paz, e desde o dia que eu te conheci no projeto, você só me trouxe isso, sabe, essa paz, pode-se dizer, essa camaradagem, esse acolhimento”. E esse é o Projeto Fow, é uma coisa que eu quero mesmo, que tô buscando cada vez mais e acredito muito que isso é só o início da minha carreira, sabe? E nunca vou deixar de ser pichador. Nunca. Nunca vou deixar de ser pichador, que é uma coisa que eu venho, carrego, vou levar pra mim pro resto da vida. Mas só que eu falo pros outros que tão vindo agora aí: estuda. Vão estudar, entendeu, se formar, que seja, sabe? Às vezes você não tá formado, mas só que cê tem um conhecimento, sabe, isso é muito importante. E saber que a cultura, mesmo assim, a arte pode te transformar. Isso é uma coisa que eu acredito muito e vejo muito potencial pra isso. Você com a arte, você consegue transformar as pessoas.

Leticia: É verdade, Fow... Muito obrigada pela entrevista! Muita coisa aqui pra se pensar, valeu mesmo!

Fow: Que é isso, eu que agradeço!